Do dinheiro digital e outros falsos[1]

O que o curso dos bitcoins revela sobre o meio dinheiro

Claus Peter Orlieb

> *Os selvagens de Cuba consideravam o ouro um fetiche dos espanhóis. Eles mesmos, porém, celebraram uma festa em sua homenagem, circundando-o, entoando cantos e lançando-o, então, ao mar.*
>
> Karl Marx, Os debates sobre a lei relativa ao do roubo da lenha (1842).

Sob o título "Bits and Barbarism", Paul Krugman conta numa sua coluna, publicada no *New York Times* em 22 de dezembro de 2013, uma fábula a propósito de três modos de criar dinheiro; dois dentre eles representam um arcaísmo econômico, o qual ele atribui a certa tendência curiosa que faz muitas pessoas quererem voltar constantemente para trás os ponteiros do relógio do progresso.

Como exemplo da primeira forma de criação de dinheiro, Krugman cita a mina de ouro Porgera, em Papua, na Nova Guiné, um dos lugares mais importantes atualmente na produção de ouro. Esta mina tem uma reputação terrível tanto devido as repetidas violações dos direitos humanos quanto devido aos danos ambientais que causa. Porém, como o preço do ouro, apesar da queda em relação ao último pico, permanece três vezes maior do que há dez anos, não surgem dúvidas de que se deve cavar para extraí-lo.

Como exemplo paradigmático do segundo modo de criar dinheiro, este muito mais bizarro, Krugman cita a "mina bitcoin" de Reykjanesbær, na Islândia[2]. O bitcoin é um dinheiro eletrônico (ver adendo). É difícil dizer exatamente porque ele possui valor, mas isto provavelmente vem do fato que as pessoas estão dispostas a comprá-lo porque acham que as outras também estão prontas para fazer o mesmo. O bitcoin é apresentado como uma espécie de ouro virtual: para "minerar" bitcoins, ou seja, para criar novos bitcoins, é preciso resolver problemas matemáticos muito complexos, os quais, naturalmente, requerem um alto poder de computação; ora, para alimentar a computador, é preciso consumir muita energia. Mas como na Islândia a eletricidade é bem barata e há sempre ar frio para arrefecer o superaquecimento dos computadores, parece ser lá o lugar adequado para minerar bitcoins.

Além dessas duas formas de criação de dinheiro, que ele considera retrógradas, Krugman propõe uma terceira, hipotética, mas bem mais razoável

---

[1] O artigo de Claus P. Ortolieb foi traduzido de uma versão para o francês que recebeu o título *Fausse Monnaie (électronique ou outre)*. O original foi escrito em alemão sob o título *Digitale und andere Blüten* (ou seja, *ipsis litteris*, *Digital e outra flores*), tendo sido publicado na revista *Exit*, em 2014. A tradução para o francês foi feita por Stéphane Besson.

[2] N.T. Essa referência pode estar errada. Circulam notícias nos jornais que o criador do bitcoin, ainda em 2107, é tido como desconhecido.

na aparência, que consiste em seguir o conselho dado por Keynes, em 1936, aos governos dos países em crise: gastem simplesmente o dinheiro que vocês não têm. Ora, tal como sempre ocorrera no passado, como sobrevinham certas resistências políticas à proposta, Keynes recomendou ironicamente como alternativa que o governo enterrasse vasos cheios de dinheiro, permitindo que os investidores privados pudessem desenterrá-los. Segundo essa recomendação – gastar e gastar com base em emissões monetárias –, mesmo certos dispêndios absurdos do Estado poderiam estimular a economia.

Ponderando bem, mesmo a indústria de mineração de ouro não parece tão distante desse tipo de atividade sem sentido: o ouro é retirado de um lugar no solo e reposto em outro, tornando-se então reserva dos bancos centrais. O padrão-ouro não seria aos olhos de Keynes mais do que uma "relíquia bárbara". Quanto ao bitcoin – e agora é Krugman quem toma a palavra – ele iria ainda mais longe no absurdo, já que se queima recursos para fazer surgir do nada tal "ouro virtual", o qual não consiste mais do que em sequências de uns e zeros.

Obviamente, todos os economistas – e não apenas os neoclássicos, mas também os keynesianos como Krugman – não escapam de um mesmo problema: os sujeitos econômicos não se comportam de acordo que as teorias que eles subscrevem. Krugman, é verdade, admite prontamente essa discrepância, mas simplesmente explica isso em termos da predileção de muitas pessoas para cair no arcaico e no irracional; dito isto, ele pode continuar tranquilamente no seu próprio caminho teórico. Veja-se, contudo, que ele não é capaz de dizer qualquer coisa sobre a origem de tal predileção.

Visto do exterior, isto é, de um ponto de vista puramente material, todo esse debate envolve inegavelmente traços de pura loucura. A "barbárie" que assim se aponta não se deve a uma relação social, a qual exige dos seres humanos que desenvolvam, em troca da sobrevivência por mais alguns dias ou semanas, atividades completamente absurdas? As quais, às vezes, são prejudiciais mesmo para a sociedade em seu conjunto? Além disso, não se manifesta aí, como todos sabem, um dos males do modo dominante de produção, um mal que, claro, não só afeta a criação de dinheiro, mas, ao contrário, permeia de cima a baixo todas as condições de trabalho dentro de um capitalismo em declínio? Para salvá-lo, não se premia mesmo a abertura inútil de buracos reais e virtuais (o que, aliás, está em consonância com as recomendações de Keynes); não se recomenda o uso preventivo de antibióticos nas fazendas de gado, não se faz a devastação de regiões inteiras para que se extraia as últimas gotas de óleo? Ora, estes são apenas alguns exemplos dentre os mais benignos.

Veja-se: o que é bárbaro no ouro não é, naturalmente, o metal, mas a sua posição como fetiche – e isto, entretanto, como mostram os "selvagens cubanos" de que fala Marx, não seria possível sem o fetiche subjacente da mercadoria e do dinheiro inerente ao capitalismo enquanto tal. É claro, se o dinheiro não se constituísse como relação social, seria possível manter uma relação infinitamente menos danosa com o ouro.

Finalmente, nesse contexto, a mineração de bitcoins se afigura ainda, certamente, como louca, ainda que, comparativamente, menos disfarçada. Marx poderia ter dito dela: trata-se de uma história – e, neste caso, do fetichismo do ouro – que também se repete na forma de farsa. Tal como a moeda escritural, os bitcoins são produzidos a partir do nada. Para dar-lhes a aparência de que contêm valor, eles são vestidos com uma aura dourada, a saber, de modo semelhante ao

que ocorre como o ouro, o "minerador" está obrigado a fornecer uma certa quantidade de trabalho e de recursos antes de que os bitcoins apareçam. No entanto, no caso do bitcoin, tem-se apenas uma ilusão; eis que tal gasto de energia é totalmente inútil, já que seria possível produzir bitcoins sem ele. Aí, portanto, a semelhança com o ouro se desvanece, já que trabalho é realmente necessário para extrair o ouro da terra (assim como, a exploração e a destruição do meio ambiente).

Com o bitcoin, estamos finalmente na presença de um dinheiro falso que nem mesmo se preocupa em parecer "real". Se, atualmente, pode ser facilmente conversível em dólares ou em euros, isto indica apenas que as notas emitidas pelos bancos centrais não são muito melhores. De fato, as moedas eletrônicas vêm passando por uma evolução que se estende por várias décadas. Desde 1972, quando o sistema de Bretton Woods foi abandonado e, com ele, a cobertura ouro do dólar, o próprio dinheiro do banco central norte-americano passou a ter cada vez menos relação com a riqueza real.

Ao longo dos últimos trinta anos, os ativos financeiros do mundo multiplicaram-se por vinte, sem que esse dinheiro estivesse coberto por valores reais correspondentes. Esta é uma consequência do programa de estímulo maciço (financiado por crédito e tornado possível pela desregulamentação neoliberal dos mercados financeiros) por meio do qual a economia real tem sido mantida em operação já há quase quarenta anos – um programa bem no espírito de Keynes, exceto que os controladores de fundos privados tomaram o lugar dos governos. De qualquer modo, estamos a quilômetros de distância de uma recuperação autossustentável.

Seja qual for o mercado que se tenha como foco – mercados de ações, de imóveis, de matérias primas e assim por diante – vê-se sempre aí que gigantescas massas de dinheiro, as quais giram no céu das finanças, estão sempre em busca de oportunidades de investimento. E isto, invariavelmente, leva à inflação. Um exemplo: o índice Dow Jones, que mede o índice de preços das ações das corporações dos EUA, aumentou entre 1982 e 2000 por um fator de sete (tudo ajustado pela inflação), em um período em que a economia americana real estagnou. Os acionistas ficam sempre a favor desta "inflação de ativos", pois ela lhes permite vender as suas ações com lucro. Ninguém dá importância ao fato de que ativos multiplicados por sete não guardem correspondência com empresas cujo valor real não mudou.

Nos primeiros onze meses de 2013, os bitcoins tiveram o privilégio de gerar uma bolha ainda maior, já que sua taxa de câmbio contra o dólar aumentou por um fator igual a 93,5 (ver o adendo) – embora não representem qualquer valor real. A ironia do caso é que certas justificativas ideológicas para o dinheiro eletrônico evocam uma perda de confiança nos mercados financeiros e nos bancos centrais. Essa desconfiança reclamaria uma moeda "séria" com a qual não seria possível trapacear. Eis que, agora, inesperadamente, esse instrumento transforma-se, antes que atores possam refletir melhor, em um novo objeto de especulação. É verdade, alguns deles ficam ricos por este meio.

A desconfiança do dinheiro do banco central, além disso, não é surpreendente quando se considera que ele não tem cobertura de valores reais. Ora, essa desconfiança também explica porque o ouro se mantém como um refúgio seguro. Resta demonstrar que o ouro pode realmente, ao fim e ao cabo,

desempenhar esse papel, pois a bolha que agora se formou também explodirá como todas as bolhas.

O dinheiro é "produtivo" no sentido capitalista se for investido onde é criado mais-valor por meio da exploração do trabalho humano. Este tipo de oportunidade de investimento, obviamente, não está disponível em quantidade suficiente para empregar todo o dinheiro atualmente existente. Assim, uma massa cada vez maior de dinheiro só se multiplica de forma puramente fictícia, a não ser que seja simplesmente armazenada, por exemplo, sob a forma de metais preciosos. Mesmo que os keynesianos não possam ou não queiram compreender, esta evolução deixa uma coisa bem clara: nos quarenta anos após o fim do sistema de Bretton Woods, o dinheiro como relação social tornou-se obsoleto.

Adendo: Bitcoin & Co.

O bitcoin, que vem sendo negociado desde 2009, é a primeira, a mais conhecida e mais poderosa das chamadas moedas eletrônicas, das quais já existem quase uma centena. Nesse entretempo, elas cresceram nos sítios de negociação *online*. Existe uma lista das principais, com suas características gerais, na página da Wikipédia dedicada às "criptomoedas".

Na internet, podemos trocar bitcoins pelo dólar ou pelo euro. Assim que são comprados, é criado no disco rígido do comprador uma conta vinculada a uma rede *peer-to-peer*, protegida por processos criptográficos. Nesta rede, todas as transações com bitcoins são feitas publicamente, mas os proprietários das contas permanecem anônimos. As moedas eletrônicas seriam uma forma de dinheiro que prescindem dos bancos ou dos Estados. Têm sido usadas para lavar dinheiro pelo tráfico de drogas ou para outras atividades fraudulentas ou mesmo criminosas. Fora daí o valor de uso dos bitcoins como meio de compra é muito limitado. Felizmente, as poucas empresas que recebem bitcoins também aceitam dinheiro, assim como acolhem outros métodos de pagamento comuns, o que simplifica as coisas.

Para fazer pagamentos eletrônicos sem passar pelos bancos, certamente seria preferível uma taxa de câmbio fixa entre o bitcoin e o dólar. Mas, como esta taxa é deixada aos cuidados do mercado, os bitcoins se tornam objeto de especulação. A grande maioria dos bitcoins não são usados para comprar coisas, mas para especular sobre moedas. As pessoas que acumularam bitcoins durante o ano de 2013 conseguiram se enriquecer: entre 1 de janeiro e 30 de novembro, o preço do bitcoin aumentou 93,5 vezes, de US$ 13 para US$ 1.216. Em seguida, ele mergulhou 50% e depois começou a aumentar de novo. Em janeiro de 2014, o preço variou entre US$ 770 e US$ 900. Enquanto meio de compra, a alta volatilidade do bitcoin é um problema sério: ninguém vende um bitcoin quando é esperado que o seu valor cresça 15% na próxima semana; ninguém o recebe quando se espera uma boa queda de seu preço.

Um novo mercado foi criado em torno da "*bitcoin mining*", isto é, da "mineração" que faz aparecerem os novos bitcoins. Para produzi-los e depositá-los em sua conta, como vimos, problemas complexos de matemática devem ser resolvidos; outros menos complexos já foram empregados com o mesmo propósito. Se, nos primeiros dias do bitcoin, um PC normal era suficiente, agora,

essas operações requerem uma calculadora que produza calor suficiente para aquecer uma casa inteira e cujo preço de compra é igual ao de um automóvel de tamanho médio.

No entanto, esse investimento não é uma garantia de sucesso, porque a competição é dura e o número de novos bitcoins encontra-se estritamente limitado pelo algoritmo que originalmente o criou. No final, acontece o mesmo que ocorre com o ouro: não são os mineiros que obtém o lucro, mas aqueles que vendem o material de prospecção. A quantidade máxima de bitcoins é fixada em 21 milhões. No final de janeiro de 2014, havia 12,3 milhões em circulação, no valor total de cerca de US$ 10 bilhões. Um valor que, no entanto, pode sempre mudar muito rapidamente.